

DOCUMENTÁRIO CONTAS DO ROSÁRIO: resistência, saberes e experiências do Terno De Moçambique Zumbi Dos Palmares

MAYCOL DOUGLAS LIMA DA SILVA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

DENIO SANTOS AZEVEDO
Universidade Federal de Sergipe - UFS

MARILETE CALEGARI CARDOSO
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Resumo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a contribuição do documentário “As Contas do Rosário” como documento das raízes africanas através do movimento da congada, uma manifestação presente em diversas regiões do Brasil, especialmente em comunidades com influências e contribuições da matriz africana, reconhecida nos últimos anos como parte do patrimônio histórico nacional. Este trabalho surge a partir das reflexões de uma pesquisa de mestrado realizada no Quilombo do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, na cidade de Uberaba - MG. Desde as primeiras motivações, o objetivo do documentário foi contar uma outra história, narrada a partir dos protagonistas que a compõem, numa perspectiva decolonialista e afrocentrada. O Quilombo fala, apresenta e debate diretamente com o leitor/expectador, enquanto a academia deixa de ser o “tradutor”, “transcritor” e passa a ser apenas um mensageiro e veículo para tantas histórias a serem contadas.

2307

Palavras-chave: Culturas Populares Negras, Afrocentricidade, Quilombo, Congadas, Terno de Moçambique

Abstract

The objective of this work is to reflect on the contribution of the documentary "The Accounts of the Rosary" as a document of African roots through the congada movement, a manifestation present in several regions of Brazil, especially in communities with influences and contributions of the African matrix, recognized in recent years as part of the national historical heritage. This work arises from the reflections of a master's research carried out in the Quilombo do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, in the city of Uberaba - MG. From the first motivations, the aim of the documentary was to tell another story, narrated from the protagonists who compose it, from a decolonialist and Afrocentric perspective. The Quilombo speaks, presents and debates directly with the reader/viewer, while the academy ceases to be the "translator", "transcriber" and becomes only a messenger and vehicle for so many stories to be told.

Keywords: Popular Cultures, Afrocentricity, Quilombo, Congadas, Mozambique Suit

Introdução

Escrever e narrar memórias oferece ao sujeito a possibilidade de compartilhar sua vida, além de revelar suas próprias histórias e as de outros. Significa desenterrar imagens, recordações e experiências (Cardoso, 2008), além de eventos, saberes, tradições e costumes que dependiam, e ainda dependem, tanto da memória individual quanto da memória coletiva para serem transmitidos de geração em geração e, assim, preservados.

Neste sentido, pode-se considerar a experiência como uma das principais fontes de conhecimento, uma vez que é por meio dela que se vivenciam situações e se adquirem aprendizados que acompanham o sujeito ao longo da vida, podendo (re)significar diversas outras. Nas palavras de Bondía (2002, p.25): “o acontecimento é comum, mas as experiências são para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida”. Assim, apresenta-se o documentário “As Contas do Rosário” como uma narrativa da cultura do Quilombo Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares.

É do lugar das compreensões das narrativas documentais que se deseja, com este texto, problematizar e desvendar um pouco do universo contra-hegemônico, através da trajetória da congada, um cortejo popular de raiz africana que resiste há séculos por descendentes de africanos em solo brasileiro. Assim como outras manifestações culturais de matriz africana que ocorrem em diversas regiões do Brasil, a congada tem sido reconhecida nos últimos anos como parte do patrimônio histórico nacional, devido à sua nítida influência e contribuição de raiz africana.

No entanto, é preciso atentar para o risco de conduzir esse reconhecimento a uma categorização que reforce estereótipos ou generalize grupos que guardam em sua existência peculiaridades e formas de ser. Tais riscos apontam para a importância de pesquisas imersivas no interior das comunidades tradicionais de culturas populares negras, pautadas em novas práticas e olhares descolonizados que busquem compreender as comunidades não apenas como acervos de expressões artísticas e rituais, mas como universos que englobam práticas sociais dinâmicas que se constituem como modos de vida em determinadas ambiências.

A celebração da congada, que pode ser considerada como um festejo cultural público, configura-se como culminância de um processo muito mais complexo que se desenrola nas relações e no cotidiano dentro de cada Quartel (quilombo). Assim, ouvir as histórias, os saberes e ensinamentos das culturas populares negras é essência, pois “recorrem-se a testemunhos para

reforçar ou enfraquecer e também para completar o que se sabe de um evento sobre o qual já se tem alguma informação” (Halbwachs, 2006, p. 29).

Para a realização deste artigo, baseou-se no documentário intitulado “As Contas do Rosário: o terno de Moçambique Zumbi dos Palmares”, trazendo ao público o dia a dia do quilombo, a preparação do quilombo para a congada e as histórias que unem os participantes, desde fé, compromisso, resistência e existência. A narrativa do documentário se desenrola a partir de entrevistas com os membros, reflexões sobre as relações étnico-raciais e cenas do cotidiano do grupo, percorrendo um caminho nada fácil de transitar. Não se limitando à manifestação cultural, o documentário penetra nas interioridades da sede do grupo, aqui tratado como quilombo urbano, que anima diferentes trajetórias na cidade de Uberaba, no estado de Minas Gerais, Brasil.

O documentário “As Contas do Rosário” teve sua origem a partir de uma pesquisa de mestrado (intuitiva), na qual buscou-se refletir sobre o papel do membro-pesquisador (que geralmente tem acessos não concedidos a pesquisadores externos) na ética, na proteção e na guarda do Quilombo. As motivações que levaram a esta produção foram a chamada devolutiva social, que em tese é uma obrigação da academia, espécie de compensação ou até mesmo um agradecimento pelos saberes colhidos, processados e publicados por pesquisadores de diferentes áreas.

Muito tem se falado sobre a importância de comunidades pesquisadas por acadêmicos receberem os resultados de pesquisa. A devolutiva no formato de teses, dissertações ou monografias, no entanto, nem sempre se mostra inclusiva, seja pela linguagem empregada geralmente acadêmica e técnica ou até mesmo por não ter uma aplicabilidade imediata nas comunidades. Isso justifica a importância da construção de devolutivas audiovisuais paralelas aos documentos acadêmico-científicos tradicionais (teses, dissertações ou monografias).

Assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre a contribuição do documentário “As Contas do Rosário” como memória das raízes africanas, através do movimento da congada, além de ressaltar a diversidade cultural existente em comunidades quilombolas que carregam consigo patrimônios históricos, memórias, culturas e experiências significativas.

2 Quilombo e Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares

A resignificação do conceito de quilombo representa um marco na história dos povos negros do Brasil. Nesse processo de repensar essa instituição que nasce no continente africano, atravessa o Atlântico e os séculos num *continuum* de luta pela autonomia, diversos são os autores que foram responsáveis pelo reposicionamento desse fenômeno na história.

São elencados aqui dois nomes fundamentais para o processo de pesquisa do documentário: Beatriz do Nascimento e Abdias do Nascimento. Beatriz do Nascimento (1985 apud Ratts, 2006) já havia adiantado aquilo que Munanga (1996, p. 58) viria a afirmar mais tarde: “O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de língua bantu”. Abdias do Nascimento (1980), por sua vez, no celebrado livro *O Quilombismo*, demonstra a dinamicidade e atuação do quilombo na formação da nação brasileira.

Para além da contribuição na formação da nação brasileira, as sociedades afrodiáspóricas, representadas pelos quilombos, guardam traços, memórias e, algumas vezes, estruturas de suas matrizes filosóficas originárias, do mesmo modo em que a sociedade hegemônica mantém uma estrutura de pensamento de acordo com sua matriz originária do Ocidente (Diop, 2014; Ani, 1994; Asante, 2009).

Nesse sentido, o quilombo se coloca como o guardião dos sistemas culturais e filosóficos africanos, do que fala Asante (2014), guardião de heranças culturais, mesmo que às vezes essas heranças se apresentem como resquícios ou traços antropológicos, como a matrilinearidade encontrada entre os povos Bantos, o Culto aos Mortos (ancestrais) e o Cultivo das Forças Vitais. Por sinal, essas três concepções são o tripé daquilo que Diop (2014) delineou como sendo uma Unidade Cultural Africana, lida mais tarde por Munanga (2009) como Unidade na Diversidade, uma diversidade que, a partir do paradigma afrocêntrico, conceitua a Diáspora enquanto sexto território africano (Nicolau Jr., 2020).

O quilombo evidencia a ruptura do projeto eurocêntrico homogeneizador com sua capacidade de obstruir o acordo nacionalista pós-independência (Hall, 2003), pois constantemente surgem novos núcleos ou antigos núcleos recrutam novos membros. É sinônimo de um povo perseverante que faz valer sua jornada na terra, adicionando valores e enriquecendo a cultura não apenas dos seus, mas também daqueles que se relacionam direta ou indiretamente (Santos, 2024).

A utilização do termo quilombo reafirma as raízes profundamente enraizadas na história de resistência negra, seja ela política, social, racial ou cultural, apontando em direção a um espaço de autonomia para criação e fruição, onde os saberes e legados dos povos africanos são

reescritos e reatualizados (Martins, 1997). Neste sentido, é trazida aqui a ideia de Beatriz do Nascimento (1985), citada e apresentada por Alex Ratts (2006, p. 56), onde o quilombo é, portanto, a capacidade de empreender "no nível de uma consciência", de uma simbologia, de reivindicar a humanidade através de seus próprios critérios, baseados em uma história muitas vezes ocultada e atacada.

A sede do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares é frequentemente identificada por seus membros como sendo um quilombo, e é lá que o grupo, composto por cerca de 100 pessoas, se reúne para ensaios, rituais e confraternizações. Na Figura 01 é possível observar a importância da autoimagem como geradora de pertencimento; assim como os membros se identificam como quilombo, eles também se identificaram com o documentário como produto desse quilombo, onde cada membro teve participação na construção desse material, repleto de imagens, músicas, danças e simbologias, aspectos que geram pertencimento e identificação, elementos integrantes do empreendimento negro, conforme fala Beatriz do Nascimento (1985 apud Ratts, 2006).

Figura 01 – Membros e membro-pesquisador assistindo ao material visual



Fonte: Pesquisador, 2018

Esse empreendimento negro (Ratts, 2006), ao longo de 30 anos, organizou e criou elementos, ritmos, músicas, objetos estéticos e sagrados bem como indumentárias e vestimentas. Nesse sentido, é importante destacar aqui o caráter dinâmico dessa comunidade urbana, uma vez que a casa onde reside a família de José Reinaldo e Aline é alugada, e à primeira vista, parece não haver propriamente uma relação com o território para a sua manutenção, já que o Quilombo ao longo de sua trajetória migrou para diferentes lugares da cidade.

Além de residência da família e Quartel do Terno de Moçambique, o lugar também funciona como um centro de Umbanda, conforme a Figura 02. O fluxo de pessoas que visita a **Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 18, p. 2307 - 2319 , maio, 2024.

casa em qualquer dia da semana é intenso, fazendo parte da rotina da família a presença de pessoas pedindo aconselhamentos, relatando para os padrinhos seus problemas ou simplesmente indo para conversar, pedir benção ou tomar café na casa em que ao longo dos anos foi tecida uma complexa rede de relações que vão desde casamentos a apadrinhamentos em torno da noção de irmandade.

Figura 02 - Residência e Quartel de Moçambique



Fonte: Pesquisador, 2018

2312

Ao refletir o conceito de Unidade Cultural Africana a partir do prisma da diversidade, Munanga (2009) nos fornece a chave de interpretação para as diversas comunidades diaspóricas existentes no Brasil e o ponto de filiação com uma matriz cultural a parte da matriz hegemônica ocidental. Pensar a diversidade das comunidades negras, sejam elas representadas por manifestações culturais e territórios reconhecidos ou não, sejam urbanas ou rurais, é pensar um processo de entrecruzamento de trajetórias e estratégias pela manutenção da diferença em oposição a homogeneidade, e nesse sentido, a celebração da congada é um exemplo dessa diversidade cultural.

Uma metáfora recorrente nas falas do Ganga Mukixe José Reinaldo, ao refletir sobre o lugar do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares e da variedade de grupos e quilombos negros, é a metáfora do Rosário, pois o Rosário de Maria, nas falas do mestre, é um círculo que nunca se fecha. Tal ideia é utilizada para interpretar a inserção de novos membros do seu terno, a participação de novos grupos na congada de Uberaba/MG e também para pensae, de maneira ampliada, as diversas comunidades negras do Brasil.

A celebração da congada pode ser interpretada como estrutura macro que reúne em si grupos de congo, moçambique, catopés, marujos, cacunda, vilão e afoxés (Figura 03). Os **Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 18, p. 2307 - 2319 , maio, 2024.

grupos, que podem ser chamados de Bandas ou Guardas, atuam como verdadeiras embaixadas em solo brasileiro. Cada grupo reforça, nos seus costumes e tradições, as especificidades na forma de dançar, se trajar, ritualizar e construir símbolos sagrados.

Figura 03 - Festividades da congada em Uberaba/MG



Fonte: Pesquisador, 2018

Em linhas gerais, esses grupos advindos de comunidades urbanas ou rurais se reúnem em cortejo para louvar Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A celebração culmina na coroação do rei e da rainha dos negros. No entanto, o cortejo pode ser considerado como a parte “pública” dessas manifestações culturais, as quais são permeadas por relações complexas que se estabelecem e se constituem durante todo o ano no interior de cada quartel.

2313

O documentário “As contas do Rosário”: narrativas reflexivas

Muitos são os questionamentos acerca do lugar em que se enquadra o documentário enquanto gênero narrativo. O dicionário Aurélio pinça categorias como "filme informativo e didático", enquanto Ramos (2001, p. 34), ao discutir sobre a natureza do documentário e também sobre o seu papel estético, aponta que: "extrapolar estas fronteiras é um atestado de inventividade e criatividade". Essas fronteiras são identificadas em outras produções, como a acadêmica.

Assim, a construção de um documentário tem a possibilidade de criação e extrapolção de barreiras, apresentando-se como uma alternativa narrativa palpável, uma vez que tem o potencial de dialogar com os sujeitos participantes e ao mesmo tempo atravessá-los pela poética de suas próprias existências.

Essa troca se daria não só porque a narrativa inclui o vivido e o ouvido pelo narrador (a própria experiência e a experiência alheia), mas também porque ela incorpora à narração a experiência de quem a ouve, pois narra-se aquilo que pode interessar aos outros, por diversos motivos ligados ao acervo de suas experiências de vida (Cardoso; Souza, 2020).

O segundo conceito é a "proposição assertiva" que torna o discurso fílmico carregado de enunciados que possuem a característica de serem asserções, ou afirmações, sobre a realidade (Ramos, 2001), a exemplo de um saber social prévio sobre ancestralidade que aparece a todo momento no gestual e na fala dos personagens, tornando-se, assim, a proposição assertiva natural do Documentário "As Contas do Rosário".

Isso ocorre porque as realidades do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares, bem como a visão de mundo dos personagens reais, são apresentadas pelos próprios sujeitos através das histórias, suas experiências e suas práticas, sem pretensão ou viés que possa interferir na veracidade do relato, a não ser a própria inserção da coleta (o posicionar-se frente a uma câmera).

O documentário traz diversas possibilidades quanto à captação das reflexões e do contexto ali expressado. Após o lançamento do documentário "As Contas do Rosário", palavras como fé, força, espiritualidade, alegria e união eram constantemente mencionadas nas mensagens de retorno dos membros (Figura 04).

2314

Figura 04 - *Feedback* dos membros do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares sobre o documentário



Fonte: Pesquisador, 2018

Esses relatos se ancoram na capacidade do documentário de captar:

2315

Todo gesto ou processo do organismo: a respiração, a circulação do sangue, os movimentos do corpo, a articulação, o discurso interior, a mímica, a reação aos estímulos exteriores (por exemplo, a luz), resumindo, tudo que ocorre no organismo pode tornar-se material para a expressão da atividade psíquica, posto que tudo pode adquirir um valor semiótico, tudo pode torna-se expressivo. (Bakhtin, 2010, p. 53)

Corroborando com o exposto, Rodrigues (2012) salienta que todos são considerados personagens, pois o que determina a configuração de um personagem é o olhar sobre a narrativa. Esse sentimento de se ver na tela, de se enxergar no documento e na própria história, despertou nos membros um senso de coautoria, possibilitando frases como "o nosso documentário saiu no jornal"¹ e "o pessoal de Atibaia/SP está falando do nosso documentário"². Tal sentimento viabiliza uma transgressão da ordem hegemônica, deslocando os membros e personagens da condição de objetos para a condição de sujeitos históricos.

¹ Fala proferida por Membro do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares em conversa pelo aplicativo *whatsapp* em 15 de março de 2020.

² Fala proferida por Membro do Terno de Moçambique Zumbi dos Palmares em conversa pelo *whatsapp* em 15 de março de 2020.

Houve ainda o *feedback* de pessoas que nunca estiveram no Quilombo ou que nunca viram o cortejo da congada, afirmando que ao assistirem ao documentário sentiram-se parte da celebração, além de manifestarem o interesse em conhecer o universo da congada, suas especificidades e interioridades. Nesse sentido, Ramos (2001) considera uma característica relevante deste tipo de registro filmográfico: a "indexação", a qual permite aos telespectadores conceberem se estão expostos a uma narrativa documental ou ficcional. É a partir da indexação que se apresentam as realidades sociais, os espaços físicos, bem como ferramentas e técnicas que situam o espaço-tempo e os sujeitos da narrativa, a exemplo de datações e apresentação prévia dos personagens.

A narrativa do documentário tem como característica principal a promoção do acesso a uma visão da realidade não comprometida com os interesses econômicos e políticos das grandes redes de comunicação. Tal posição encontra eco nas palavras de Ramos (2008) e Rodrigues (2012), para os quais a obra documentária promove ao receptor a possibilidade de entrar em contato com temas que se posicionam à margem dos grandes discursos midiáticos estabelecidos.

Considerações finais

2316

O documentário "As Contas do Rosário" desempenha um papel para além de um registro histórico ou filmográfico. Suas reflexões estão presentes desde a construção, captação e participação dos membros na sua elaboração, culminando em um produto resultado do empreendimento negro, não apenas de um pesquisador negro, mas de todo um quilombo. Desde as primeiras motivações, o objetivo do documentário foi contar uma outra história, fazer emergir o impacto dessa história na vida dos personagens que a compõem.

Isso não é possível sem tomar partido, sem posicionar-se, de modo que, ao se posicionar do lado do Quilombo, buscou-se construir conjuntamente com a comunidade pesquisada um documento que possa ser lido fora das esferas acadêmicas. "As Contas do Rosário", que silenciosamente tecem nas periferias o fazer cotidiano, têm muito, têm tanto a ensinar para o Brasil que nem cabem nesse filme.

Referências

ANI, M. Y. **Uma crítica africana centrada no pensamento e comportamento cultural europeu**. New Jersey: World Press, 1994.

ASANTE, M. K. **Afrocentricidade**: a teoria da mudança social. Philadelphia: Afrocentricity International, 2014.

_____. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-111.

BAKTHIN, M. V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782002000100003&lng=es&nrm=iso, Acesso em: 11 jun. 2023.

CARDOSO, M. C. **Baú de memórias**: representações de ludicidade de professores de educação infantil. 2008. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

CARDOSO, M.; SOUZA, A. L. S. Praça Comunitárias de Sucata na “Cidade Sol” - Jequié-BA: lugar de brincadeira, preservação e aprendizagem social. **Crítica Educativa**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1–19, 2020. DOI: 10.22476/revcted.v6.id459. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/459>. Acesso em: 11 jun. 2023.

2317

DIOP, C. A. **A unidade cultural da África negra**: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Luanda: Mulemba, 2014.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MARTINS, L. M. **Afrografias da memória**: o reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, Dossiê Povo Negro – 300 anos, p. 53-63, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28364/30222>. Acesso em: 19 abr. 2021.

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Autêntica, 2009.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. Petrópolis: Vezes, 1980.

NICOLAU JR., J. Você sabia que existe um estado da diáspora africana?. **Instituto Portal Afro**, [s.l.], 1 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.portalafro.com.br/voce-sabia-que-existe-um-estado-da-diaspora-africana/>. Acesso em: 15 mar. 2021.

RAMOS, F. P. O que é documentário?. In: RAMOS, F. P.; CATANI, A. (orgs.). **Estudos de Cinema: SOCINE 2000**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001. p. 192-207. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5622452/mod_resource/content/1/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf. Acesso em: 12 jul. 2020.

_____. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?**. São Paulo: Editora Senac, 2008

RATTS, A. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de Beatriz do Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

RODRIGUES, C. J. Documentário, educação e os sujeitos do diálogo: personagens, documentaristas e expectadores. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN ARGENTINA DE ESTUDIOS DE CINE Y AUDIOVISUAL, 3., 2012, Buenos Aires. **Anais [...]** Buenos Aires: Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual, 2012, 45-57.

Autor 1:



MAYCOL DOUGLAS LIMA DA SILVA

Graduação em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Mestre em Culturas Populares pela Universidade Federal de Sergipe. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Email: maycoleduc@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8378127523210960>

Orcid: 0009-0002-8271-2716

Autor 2:



DENIO SANTOS AZEVEDO

Graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe. Mestre e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe, com Doutorado Sanduíche pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em Portugal. Pós-doutor pela Royal Military College of Canada. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe.

E-mail: denio_azevedo@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6557192972315284>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4459-7745>

Autor 3:



MARILETE CALEGARI CARDOSO

Graduação em Pedagogia e Especialização em Psicomotricidade Relacional pelo Centro Universitário La Salle. Mestre em Educação e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas e Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Ludicidade e Infância (GEPELINF).

E-mail: marilete.cardoso@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3527762185893794>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4088-8249>